

---

## Contribuciones

# Minhas conexões com a Antropologia do Trabalho

**José Sergio Leite Lopes\***

UFRJ

[jsergiolopes@gmail.com](mailto:jsergiolopes@gmail.com)

Minha relação com a Antropologia do Trabalho se inicia desde a dissertação de mestrado sobre os operários das usinas de açúcar<sup>1</sup>. Essa pesquisa foi feita no interior de um projeto coletivo de estudo da plantation açucareira no Nordeste do Brasil<sup>2</sup>. Mas enquanto meus colegas podiam se enquadrar na etiqueta de “sociedades camponesas”, usual na Antropologia, eu ficava numa área sem classificação na antropologia corrente. Ainda mais quando desdobrei esta

---

\* Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, e diretor do Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE), da UFRJ. É, também, coordenador do Núcleo de Antropologia do Trabalho, estudos biográficos e de trajetórias (NuAT), PPGAS, MN, UFRJ.

<sup>1</sup> Cf. *El vapor Del diablo; el trabajo de los obreros Del azúcar*, Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2011; tradução de *O Vapor do Diabo; o trabalho dos operários do açúcar*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976 e 1978.

<sup>2</sup> Os integrantes desse projeto coletivo (1972) foram, além de Moacir Palmeira (coordenador, estudo sobre barracões de engenho e mercados camponeses), Lygia Sigaud (trabalhadores rurais dos engenhos de cana, tanto residentes como clandestinos), Afrânio Garcia Jr (camponeses marginais à plantation, Sul de Pernambuco), Beatriz Heredia (camponeses periféricos à plantation, Norte de PE), Marie-France Garcia-Parpet (feiras de usina), Roberto Ringuélet (trabalhadores migrantes sazonais), Vera Echenique e Luis Maria Gatti (sindicalismo e conflitos), Rosilene Alvim (artesanato; depois famílias operárias na mesma localidade de minha pesquisa sobre trabalhadores têxteis). Um projeto posterior (1975-1977) expandiu as pesquisas para outros estados do Nordeste, numa variedade maior de grupos sociais e processos, incluindo estes e outros pesquisadores.

primeira pesquisa numa situação cuja forma de dominação era análoga à da plantation na sua parte industrial, a das fábricas têxteis com vila operária<sup>3</sup>.

Quando comecei a dar cursos na pós-graduação do Museu Nacional a nova ementa que introduzi tinha por título “Antropologia da Classe Operária”, para marcar a quase-novidade do estudo antropológico inusual dos trabalhadores industriais. O assunto era então hegemônico pela Sociologia do Trabalho (etiqueta bem estabelecida) e pela História do Trabalho. O mesmo título foi usado num GT (Grupo de Trabalho) que ajudamos a organizar no âmbito da Associação Brasileira de Antropologia nos anos '80. O emprego industrial no Brasil tinha atingido então o seu cume, assim como o movimento dos metalúrgicos, dentre várias outras categorias de trabalhadores, havia eclodido naqueles anos, contribuindo fortemente para a redemocratização depois de mais de 15 anos de ditadura militar. Mas o fato de observar os trabalhadores industriais a partir da periferia brasileira, no Nordeste, com operários originários do campesinato, dificultava a percepção da relevância de uma perspectiva etnográfica de grupos de trabalhadores delimitados diante dos cânones de estudos macrosociológicos, de preferência nos setores tecnologicamente modernos das regiões industrializadas (como São Paulo) e com modelos de pesquisa assentados em resultados de questionários.

2



A perspectiva etnográfica e cultural tendo sido adotada também por historiadores do tempo presente e por sociólogos sensíveis à observação direta prolongada *in situ* fez constituir-se progressivamente uma profícua rede interdisciplinar voltada para o estudo do trabalho. Aliás o tema do trabalho foi se tornando um campo de experimentação espontâneo onde se davam cooperações não necessariamente intencionais entre pesquisadores de formação histórica, sociológica ou antropológica de vários países.

As transformações do mundo do trabalho, que se tornaram intensas já a partir dos anos '80 nos países centrais e a partir dos '90 na América Latina e no Brasil, foram minando a anterior centralidade dos trabalhadores industriais e seu protagonismo nos movimentos sociais. Se o trabalho deixou de ser tema da moda abrindo caminho para o estudo de outras dimensões importantes da vida

---

<sup>3</sup> Cf. *A tecelagem dos conflitos de classe na 'cidade das chaminés'*, São Paulo/Brasília: Marco Zero/Editora da UnB, 1988. Cf. também o documentário *Tecido Memória*, Sergio Leite Lopes, Rosilene Alvim e Celso Brandão, 2008. <https://www.youtube.com/watch?v=Jn-ssLrAZpY&feature=youtu.be> (legendas em espanhol)

social, por outro lado havia que se debruçar sobre tais transformações elas próprias.

Nesse momento a experiência dos pesquisadores que haviam estudado as trajetórias de trabalhadores de origem rural e nas suas idas e voltas entre o campo e a cidade pôde conjugar-se com a experiência dos pesquisadores do campesinato e do mundo rural também em acelerada transformação, qualificando-se mutuamente para contribuir no desvendamento das relações complexas entre as novas dimensões do trabalho articuladas com outras esferas da vida social. Pude fazer parte dessas redes de pesquisadores e ajudar na sua materialização em encontros e trocas de experiência. Um desses pontos de encontro se deu nos GTs da ABA agora denominados de “Antropologia do Trabalho”, nos anos 2000, refletindo essa gama mais ampla de pesquisas cruzando o rural com o industrial, o campo com a cidade e onde o trabalho é uma das dimensões da vida social sob forte interação com outras<sup>4</sup>. Também foi importante o estímulo provocado por contatos mais intensificados com pesquisadores da América Latina, em especial os das novas gerações da Argentina já organizados em torno da perspectiva mais ampla de uma antropologia do trabalho. E muito há a se pesquisar nesse domínio, desafio para o qual a recente iniciativa da Revista Latinoamericana de Antropologia del Trabajo é para nós um novo alento.

---

<sup>4</sup> Para um maior detalhamento e desenvolvimento do relato e dos argumentos aqui apresentados, ver o artigo “Uma experiência da flutuação histórica do tema ‘trabalho’ na Antropologia”, *Theomai*, Estudios sobre sociedad y desarrollo, n. 24, 2011, [http://revistatheomai.unq.edu.ar/NUMERO%2024%20\(trabaantropo\)/Artigo%20Lopes%20ito.pdf](http://revistatheomai.unq.edu.ar/NUMERO%2024%20(trabaantropo)/Artigo%20Lopes%20ito.pdf). O livro *Memória e Transformação, São Luis: PNC-SA (Coleção aulas inaugurais do Programa de Pós-graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia)*, 2016, disponível em <http://novacartografiasocial.com/livros/colecao-aulas-inaugurais/> e o artigo *Memória e transformação social: trabalhadores de cidades industriais. Mana* (UFRJ. Impresso), v. 17, p. 583-605, 2011. [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132011000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132011000300004)